



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião da
Câmara de Política Social**

Palácio do Planalto, 12 de junho de 2003

Eu tenho a convicção de que, quando nós lançamos a idéia do Conselho, estávamos criando alguma coisa muito nova no nosso país. E para funcionar, era necessário que as pessoas que participariam do Conselho acreditassem no que estavam fazendo ou que não estão fazendo.

E eu quero dizer para vocês que foi com muito orgulho, e de forma muito prazerosa, que eu recebi do companheiro Tarso Genro os informes dos debates que vocês fizeram nos grupos temáticos e, sobretudo, dos debates que vocês fizeram sobre a reforma da Previdência e a reforma tributária.

Como o time é muito grande e acaba de crescer um pouco mais, a gente sempre fica na expectativa de que as coisas aprovadas pelo Conselho sejam trabalhadas pelo próprio Conselho, enquanto homens e mulheres da sociedade, para fazer a sociedade acreditar naquilo que vocês acreditaram e aprovaram.

Eu sempre tive consciência de que não há nenhuma reforma fácil. Nem uma simples reforma que façamos na nossa casa é simples. Quem quiser realizar uma experiência, faça um orçamento para construir uma casa nova, ou comece a fazer uma reforma que, quando terminar, pode estar mais cara do que construir a casa nova.

Eu sempre tive consciência de que uma coisa só ganha solidez, na sociedade, se nós criarmos os espaços políticos para as pessoas debaterem, para convergirem ou divergirem, mas que, ao final do processo, se sintam satisfeitas: “olhe, não passou a minha tese, não passou a do meu amigo. Eu fui convencido, eu fui derrotado numa votação, eu perdi porque a outra proposta era melhor e mais convincente do que a minha”. Se nós conseguirmos fazer com que isso aconteça a cada tema importante que o Conselho discutir, nós estaremos consolidando uma



inovação política no nosso país.

Vocês estão percebendo que o exercício da democracia é uma coisa complicada, mas é a única coisa que dá solidez àquilo que a gente aprova. É a gente deitar a cabeça no travesseiro, com a consciência tranqüila de que nós participamos de um debate onde convencemos ou fomos convencidos. Mas, ao mesmo tempo, sair com disposição daquilo que nós formos convencidos. Nós temos que convencer a sociedade.

Não existe nenhuma possibilidade, em nenhum país do mundo, de se ter uma política tributária que seja consensual entre os políticos, entre os sindicalistas e entre os empresários. Não existe. Se eu sair daqui e me reunir individualmente com cada um de vocês, possivelmente, cada um de vocês terá uma coisinha a mais para colocar na reforma tributária ou uma coisinha a mais para tirar da política tributária. Entretanto, eu acho que o exercício que estamos fazendo, aqui, é o de não permitir que prevaleça a vontade individual de ninguém, mas que prevaleça aquilo que formos capazes de conciliar entre nós.

A segunda coisa é a reforma da Previdência Social. A reforma da Previdência é muito importante. Acho que o debate que vocês fizeram foi primordial para que o Governo, junto com os governadores, enviasse a proposta ao Congresso Nacional. Mas essa Reforma vai precisar ainda de debates no Congresso, e todo mundo sabe que o Congresso Nacional é o fórum legítimo onde se dará as negociações, para que se possa ter um texto final da reforma da Previdência e a Tributária.

O que nós temos que ter em conta é que reforma é algo tão complicado que, quando Oswaldo Cruz inventou a vacina da febre amarela para salvar o povo brasileiro de uma peste que se avizinhava, o que aconteceu? Ele quase foi linchado, porque ninguém queria tomar a vacina.

Então, reforma é sempre assim, há pessoas que têm preocupações, às vezes verdadeiras; há pessoas que têm preocupações, às vezes, por falta de informação; há pessoas que são contra, porque acreditam em outra coisa; e também há pessoas que são favoráveis, porque acreditam na proposta.



Esse é um jogo que vocês começaram a fazer e, na minha avaliação, fizeram perfeitamente bem, sem a tese absolutista de que “bom, foi aprovada pelo Conselho, está resolvido o problema”. Não, não está resolvido o problema. Nós temos visto, mesmo em grandes empresas familiares que, enquanto os filhos são pequenos, elas vão muito bem; quando os filhos ganham a idade adulta, começam a brigar pelo poder das fábricas. Temos exemplos homéricos de empresas que foram “p’ra cucuia” por causa de brigas internas dentro da própria família.

Se em uma empresa familiar é assim, imaginem em um governo plural, onde a sociedade é convocada a participar, como nós estamos tentando fazer, da forma mais perfeita possível.

Acontece que o Conselho está no seu início e outros temas virão com muito mais efervescência. Nós vamos ter que logo, logo, começar a discutir a chamada reforma da estrutura sindical; vamos ter que começar a discutir a reforma trabalhista; e vamos discutir alguns tabus históricos na sociedade brasileira, que permanecem há 50 anos e que nós discutiremos com a sobriedade, com a tranquilidade de homens e mulheres de bem, que propõem as reformas sempre imaginando que aquilo que estamos fazendo será muito útil para o futuro que todos nós almejamos construir no nosso país.

Vai ter uma discussão, em algum momento, aqui, sobre a reforma política, que é outra coisa que todo mundo sabe que é essencial, mas que também pouca gente quer mexer, porque mexer em reforma política significa mexer em conceitos já enraizados na cabeça das pessoas; é tentar mexer em direitos, que não são bem direitos, mas as pessoas acham que já é um direito e não querem mexer. E toda vez que você dá um toque de seriedade em alguma coisa, você começa a ver gente contra, gente achando que tem que ficar como está.

Aliás, é sempre mais fácil ficar como está, até no casamento. Tem gente que sabe que não está legal, então fica empurrando com a barriga, quando seria mais fácil fazer um acordo e falar “não está legal”, cada um vai viver a sua vida numa boa. Não é assim Lucélia? É assim que deveria ser, tem gente que tem coragem de fazer,



alguns até mais de uma vez, enquanto outros vivem amargurados a vida inteira e não o fazem.

Eu sempre tento citar essas coisas da nossa vida pessoal, porque a gente consegue fazer um distanciamento muito grande de uma decisão política e daquilo que acontece na casa da gente, e não há diferença. A diferença é apenas de tamanho ou de resultado, mas, no fundo, no fundo, é a mesma coisa. Eu, por exemplo, Marinho, fui à reunião do G-8. Um ser humano normal, aqui no Brasil, lendo na imprensa ou vendo na televisão sobre a reunião do G-8, fica imaginando os oito Presidentes dos países mais ricos do mundo se reunindo, fica imaginando que é uma coisa tão grande que você nem se sente bem lá dentro. E depois que eu participei da reunião, não vi nenhuma diferença, Marinho, das milhares de reuniões que eu fiz a minha vida inteira no movimento sindical, no PT e agora no Governo.

Os problemas são os mesmos, as reclamações são as mesmas, as choradeiras são as mesmas. Sabe, é tudo igual, só muda de tamanho e de local, mas é a mesma coisa. Eu acredito que, quando o Conselho começar a funcionar – na minha opinião, com a densidade que vocês começaram a trabalhar, com o comparecimento que eu estou vendo e, sinceramente, estou exultante de ver a quantidade de pessoas que participam a cada convocação –, a gente só tem certeza de uma coisa: vai ter gente sempre criticando, mas os resultados, possivelmente, serão os mais importantes conquistados na história republicana do nosso país.

E nós temos que fazer muito mais, porque nós vamos ter, no ano que vem, um encontro internacional sobre consertação, ou seja, a palavra sobre um novo contrato social que nós queremos fazer neste país, e que pressupõe mexer em muita coisa que está entranhada nos nossos hábitos, nos nossos costumes, na nossa cultura, nas nossas vaidades. E mexer com isso sempre trará problemas. Sempre arrumaremos alguns inimigos ou arrumaremos outros amigos. Mas, o dado concreto é que essa é a razão pela qual a gente pode acabar, no Brasil, com aquela história de “coisa que pega” e “coisa que não pega”. “Lei que pega” e “lei que não pega”. Se a gente fizer as coisas mais discutidas, todos nós, moral, ética e



politicamente, estaremos compromissados com as coisas que forem votadas.

Por exemplo, eu já disse da outra vez e vou repetir aqui, eu não teria – se dependesse do governo federal – nenhuma necessidade de discutir a reforma da Previdência Social com a pressa que nós estamos discutindo, porque o Governo pode empurrar com a barriga mais um tempo. Entretanto, grande parte dos estados brasileiros estão falidos. Há estados que estão gastando 50% do orçamento com os inativos. Em algum momento, alguém vai ter que dar uma resposta para isso. Quis Deus que fosse eu e vocês, que fosse no meu Governo. Poderia ter sido dada antes, ou poderia ser dada depois. Mas para que esperar para fazer as coisas, quando elas têm que ser feitas?

Eu sempre me pergunto: quanto custou ao Brasil a gente não mexer nas coisas, quando deveríamos ter mexido? Eu sempre me pergunto quanto custou a gente não alfabetizar o Brasil há 50 anos, quando custou ao Brasil a gente não fazer a reforma política há 20 anos ou não fazer a reforma na estrutura sindical. Eu, por exemplo, me tornei um dirigente sindical importante, lutando contra a estrutura sindical que está aí. Mas já faz 23 anos que eu saí do movimento sindical e nós continuamos com a mesma estrutura sindical. Nós temos a CUT, a Força Sindical, a CGT, GTB, a CAT, um monte de central e nenhuma delas está prevista na Constituição. E o Governo as trata dentro da legalidade, como se estivesse na Constituição. Mas não está. Ora, então, ao invés de viver na promiscuidade, vamos dar a isso uma densidade legal, para que possamos viver mais decentemente, orgulhosos dos atos e dos gestos que fizemos.

Por isso, eu quero pedir a cada companheiro e a cada companheira aqui presente, que levasse cada vez mais a sério a sua participação no Conselho. Ou seja, muitas vezes a gente não vê a dimensão de um gesto que a gente faz. Até um gol, por mais simples que seja, muitas vezes a gente só vai saber se ele foi bonito quando a gente vê todos os gols da rodada; vendo-o sozinho, não se tem dimensão se foi feio ou bonito, mas quando se vê todos os gols, aquele foi o mais bonito.

Possivelmente, nem todo mundo tem, ainda, a clareza da importância do



gesto que vocês estão fazendo hoje, aqui, e nos debates que o companheiro Tarso está coordenando em nome do Governo.

Por isso, Tarso, eu queria, mais uma vez, dizer a você – eu não posso ficar elogiando muito Ministro, porque daqui a pouco o cidadão se acha no direito de pedir aumento de salário, e o salário do Ministério está contingenciado aqui neste país – que a competência, a capacidade, o jeito que você está imprimindo na condução das discussões, certamente representam 50% do sucesso deste Conselho. E os outros 50% representam a boa vontade dos conselheiros e das conselheiras em participar.

Tenham a convicção de que eu estou jogando muitas fichas, mais do que vocês pensam que eu tenho, no sucesso das políticas emanadas deste Conselho, como orientação para o comportamento do nosso governo.

Eu quero, portanto, agradecer a você Tarso, aos empresários, aos sindicalistas, aos intelectuais. E dizer que, muitas vezes, na política, as pessoas têm mais pressa do que o tempo exige que as pessoas tenham. Nós somos apressados por natureza, ou seja, toda vez que nós queremos uma coisa, nós as queremos num tempo mais rápido do que o tempo natural de fazê-las acontecer. Eu fico vendo a imprensa, todo dia, e há determinados órgãos de imprensa que se comportam, em relação ao governo, como se eu já estivesse há 15 anos na Presidência. Mas estou apenas há cinco meses. E eu acho que nós já fizemos, em cinco meses, o que nenhum de vocês, individualmente, esperava que já tivesse sido feito neste país.

Toda vez que eu pego a lista das coisas que já foram feitas em cada Ministério eu fico me perguntando se fomos nós mesmos que fizemos isso. E a possibilidade é de fazer muito mais, porque eu acho que o Brasil está dando uma chance a si mesmo. Não há problema que não tenha solução, não há problema que a gente não possa discutir com vocês abertamente, da forma mais tranqüila, em que cada um possa dizer aquilo que pensa, para que possamos consolidar uma relação de respeito, uma relação ética e, sobretudo, uma relação com pensamento positivo, entre nós.

Eu acho que um Conselho como este não deve dedicar um minuto sequer a



chorar as coisas que não estão dando certo. Nós temos que tentar olhar, sempre, que é possível fazer mais do que já foi feito neste país. E eu quero que vocês saibam que a minha confiança no trabalho deste Conselho é tanta quanto a confiança que eu tenho em mim mesmo e nos meus ministros.

Muito obrigado e boa sorte.